O que importa…

Naquela última jogada, no último serviço, não me apercebi da ansiedade do público que nos apoiava, não senti a responsabilidade de poder dar uma alegria imensa a uma mole humana de adeptos que via em mim a possibilidade de exibir o orgulho clubístico. Não pensei em nada. Qual autómato, anestesiada pela adrenalina de um jogo intenso, olhei para as adversárias, levantei a bola e deixei que a minha mão lhe dissesse onde queria que caísse. Depois…depois, tornei-me humana. Senti o meu corpo ser percorrido por uma torrente de emoções que se libertaram simultaneamente numa explosão nuclear que nem os abraços eufóricos das minhas companheiras conseguiu conter. Uma alegria imensa, cujas raízes se estendiam até ao dia em que a luz encontrou os meus olhos maravilhados com a vida que me esperava. O dia em que nasci despida, numa manhã esquecida do calor, enquanto a primavera ainda andava ocupada a colar as folhas nas árvores. No dia em que a minha mãe foi buscar o sol para me aquecer. No seu abraço aconchegante, encontrei segurança e descobri a felicidade. Com ela cresci e aprendi. Abriu-me o livro do universo e revelou-me alguns enigmas simples da vida. Levou-me a transpor etapas, a enfrentar os troços mais desafiantes sem sobressaltos. Deu-me colo, mesmo quando não conquistei. Bastou isso para trilhar com confiança o caminho que me tem levado ao futuro e que vai acontecendo, diariamente, em forma de presente. Aprendi a fazer do possível o realizável. A agarrar-me a pequenos sonhos com tanta determinação que quando acordava tinham crescido. Às vezes aconteciam. Hoje aconteceu. Campeãs nacionais de voleibol!

Lembrei-me das tuas palavras. Jogar é um divertimento. Corri a cumprimentar as colegas do outro lado da rede. Depois, no meio da multidão em êxtase, nos abraços e festejos da conquista, procurei o teu sorriso. Quis abraçar a maior campeã que conheço, mas que nunca conquistou prémios e nunca se importou com isso. Uma atleta que corre todos os dias para apanhar o autocarro e chegar a tempo ao emprego. Uma vencedora do contrarrelógio diário entre a casa e o trabalho. Que na azáfama quotidiana, em hora de ponta, luta por um lugar no metro, sem nunca magoar ninguém. Uma exímia contorcionista na ginástica mensal, para que nada me falte. Uma companheira sempre presente, que esconde as lesões, que nunca se esquece dos meus jogos, e desempenha todos os papéis importantes na minha vida.

Na descoberta da vida, no alvoroço dos dias, tenho deixado algo esquecido. É um ínfimo detalhe que me tem escapado entre os êxitos alcançados e os troféus levantados. Absorvida em mim todo o tempo, esqueci-me de te dizer algo pequeno, mas sentido. Algo que germinou dos valores que em mim plantaste. Esqueci-me de te dizer que, graças a ti, o meu mundo é perfeito. Obrigada, mãe! Eu sou uma parte inalienável de ti. Sei que tudo o que fazes é sempre em nome de um amor incondicional. E isso, para mim, é o que importa.